

A chegada do eucalipto no município de Três Lagoas (MS) na percepção dos moradores das comunidades rurais de Arapuá e Garcias: entre a sujeição e a resistência territorial¹

Marine Dubos Raoul

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

e-mail: marine.raoul@gmail.com

Rosemeire Aparecida de Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

e-mail: raaalm@gmail.com

Resumo

Desde 2007, houve um aumento significativo do plantio de eucalipto na região Leste do Mato Grosso do Sul. O plantio de eucalipto toma o lugar da pecuária extensiva pelo arrendamento ou compra de terra aos fazendeiros da região. O “deserto verde” cresce a ponto de impactar diretamente na organização socioespacial das duas principais comunidades rurais da região, Arapuá e Garcias, que se formaram com as famílias de trabalhadores rurais das fazendas de gado e dos sitiantes dos distritos. **Com a territorialização do complexo eucalipto-papel-celulose na região, houve um êxodo rural importante, impactando as características socioculturais que faziam a identidade das comunidades, gerando um desequilíbrio ambiental notável.** Este trabalho propõe entender essas mudanças, a partir da leitura que os próprios moradores fazem da chegada do eucalipto, e de qual maneira essas transformações de uso da terra e da apropriação capitalista do território alteraram a identidade territorial dessas comunidades rurais. O trabalho é fundado na abordagem teórica e metodológica da geografia social, que considera o sujeito no centro das produções territoriais e, por isso, as metodologias de pesquisa qualitativas são utilizadas, com base em entrevistas semi-dirigidas, para identificar a amplitude das mudanças ocorridas.

Palavras chaves: Eucalipto; comunidades rurais; impactos; geografia social; pesquisa qualitativa.

The arrival of eucalyptus in the municipality of Três Lagoas (MS) in the perception of the residents of the rural communities of Arapuá and Garcias: between subjection and territorial resistance

Abstract

Since 2007, there has been a significant increase in eucalyptus planting in the eastern region of the state of Mato Grosso do Sul (MS), Brazil. Eucalyptus planting takes the place of extensive livestock farming by the leasing or purchasing of land from farmers in the region. The “green desert” is growing to the point of having a direct impact on the social and spatial

¹ O presente trabalho é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutorado realizada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, de julho de 2018 a junho de 2020, com financiamento PNPd/CAPES no período julho 2018-julho 2019.

organization of the two main rural communities in the region, Arapuá and Garcias, which were established with the families of rural workers on cattle farms and on the settlers of the districts. With the territorialization of the eucalyptus-pulp-paper complex in the region, there has been a major rural exodus, impacting the social and cultural characteristics that made the communities' identity, generating a notable environmental imbalance. This paper proposes to understand these changes, based on the reading made by the residents themselves regarding the arrival of eucalyptus and on how these transformations in land use and capitalist appropriation of the territory changed the territorial identity of these rural communities. The study is based on the theoretical and methodological approach of social geography, which considers the subject at the center of territorial productions. Therefore, qualitative research methodologies are used, based on semi-structured interviews, to identify the extent of the changes that have occurred.

Keywords: Eucalyptus; rural communities; impacts; social geography; qualitative research.

L'arrivée de l'eucalyptus dans la commune de Três Lagoas (MS) par la perception des habitants des communautés rurales d'Arapua et de Garcias : entre assujettissement et résistance territoriale

Résumé

Une augmentation significative des plantations d'eucalyptus s'observe depuis 2007 dans la région Est du Mato Grosso do Sul. Ces plantations prennent la place de l'élevage extensif via la location ou l'achat de terres auprès des propriétaires fonciers de la région. Le « désert vert » se déploie au point de se répercuter sur l'organisation socio-spatiale des deux principales communautés rurales de la région, Arapuá et Garcias, qui se sont formées avec les familles de travailleurs agricoles des grandes fermes d'élevage et des petits paysans. La territorialisation du complexe eucalyptus-papier-cellulose a entraîné un important exode rural portant préjudice aux caractéristiques socio-culturelles qui ont constitué l'identité des communautés et entraîné un déséquilibre environnemental notable. Ce travail se propose de comprendre ces changements, à partir de la lecture que les habitants font de l'arrivée de l'eucalyptus et de la manière dont ces changements d'usage du sol et de l'appropriation capitaliste du territoire sont venus altérer l'identité territoriale de ces communautés rurales. Le travail est basé sur une approche théorique et méthodologique de géographie sociale qui considère le sujet au cœur des productions territoriales et ainsi, une méthodologie qualitative est utilisée sur la base des entretiens semi-directifs afin d'identifier l'amplitude des changements.

Mots clés : Eucalyptus ; communautés rurales ; impacts ; géographie sociale ; recherche qualitative.

Introdução

A intensificação do agronegócio do eucalipto-celulose-papel no município de Três Lagoas – situado ao Leste do Estado de Mato Grosso do Sul – se deu pela importante mudança do padrão produtivo e do uso e ocupação do solo. A região onde dominava a pecuária extensiva e outros modos de vida (comunidades e assentamentos rurais) viu sua paisagem mudar drasticamente com a plantação de eucalipto a partir de 2007 (ALMEIDA, 2018). Com base nisso, acreditamos que, além de uma simples mudança de uso e

ocupação do solo, existe uma grande transformação socioespacial, a qual pode ser captada com os próprios moradores dessas áreas rurais.

Para verificar as mudanças ocorridas no município de Três Lagoas, escolhemos analisar o fenômeno na escala de dois distritos do município (conforme é representado no mapa 01): os distritos de Garcias e Arapuá, que abrigam duas das principais comunidades rurais, as quais totalizam, aproximadamente – respectivamente – 2000 e 1500 habitantes. A maioria deles mora nas áreas rurais, mas as sedes dos distritos, ou vilas, reúnem os serviços essenciais, comércios e são pontos de referência para as populações do campo ao redor (famílias das fazendas de gado ou famílias dos sítios e pequenos agricultores).

O êxodo rural provocado pelo avanço do eucalipto gerou uma queda demográfica que repercutiu no movimento na sede dos distritos, que eram ligados às fazendas e sítios, como o fluxo para escolas e as atividades de lazer em finais de semana: baile, torneio de futebol, festas culturais e religiosas etc. Essas mudanças, conjuntamente com as transformações de uso e ocupação, além da substituição das áreas de pastagem e vegetação de cerrado pelo eucalipto, vêm repercutindo na paisagem e contribuindo para a descaracterização da identidade desses territórios.

A partir de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semi-dirigidas com os moradores mais antigos dos dois distritos, pretendemos entender as relações de uma população com o seu território, bem como compreender seus elementos constitutivos materiais e/ou imateriais, a fim de dimensionar a amplitude das transições que ocorrem nesses elementos percebidos e mencionados pelos sujeitos sociais. Para isso, em um primeiro momento, faremos uma apresentação da evolução da expansão do eucalipto no município de Três Lagoas, para, em seguida, apresentarmos uma abordagem teórico-metodológica que permite analisar essas mudanças socioespaciais a partir do olhar dos seus habitantes; em um terceiro tempo, evocam-se essas transformações territoriais com base nos fragmentos do discurso dos entrevistados e dados secundários variados, em apoio aos dados subjetivos.

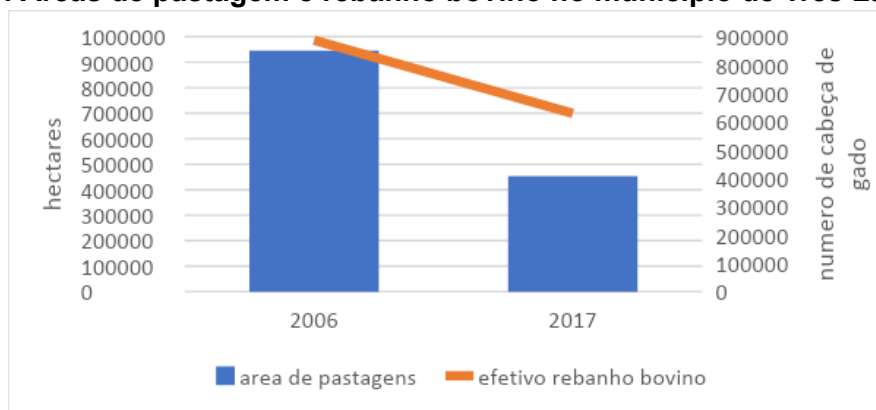
A expansão do eucalipto no município de Três Lagoas

A indústria de celulose brasileira se destacou em termos de implementação industrial e produção de árvore e elevou o Brasil a um dos principais produtores no mundo, dada a instalação de novas unidades de processamento no território nacional, com destaque para o sul da Bahia e o leste de Mato Grosso do Sul (PERPETUA; THOMAZ JUNIOR, 2019). De fato, o Brasil é um dos países com a maior área plantada em eucalipto no mundo, e o Mato Grosso do Sul é um dos estados que mais planta, concentrando-se sua produção em sua porção leste, região de Três Lagoas (ALMEIDA, 2013).

Em 2010, o Mato Grosso do Sul registrava 378.195 hectares e, em 2019, ele subiu para 1.124.969 hectares, registrando um aumento, no período, de 197%, o que coloca o estado em segundo lugar no ranking nacional por unidades da federação, em termos de área plantada de eucalipto. As plantações de eucalipto se expandem há mais de vinte anos na região leste do Mato Grosso do Sul, e com mais desempenho nestes últimos dez anos, contando com a atuação da Suzano e da Eldorado Brasil, responsáveis pelo plantio de eucalipto, pelo processamento da celulose e pela produção de papel (ALMEIDA, 2012). Três Lagoas, recebendo esses megaempreendimentos, se torna a “capital mundial da celulose”, expressão frequentemente destacada pelo setor, pela mídia e pelos políticos locais².

A atuação do setor do eucalipto na região se deu, do ponto de vista da organização da produção agrícola das árvores, pelo arrendamento ou pela compra de grandes fazendas. De fato, o município de Três Lagoas (e toda região leste de Mato Grosso do Sul) era dominado pela pecuária extensiva. O gráfico 01 representa a queda significativa do rebanho devido ao avanço do eucalipto ocupando suas terras e a diminuição das áreas dedicadas à pecuária.

Gráfico 01: Áreas de pastagem e rebanho bovino no município de Três Lagoas (MS).



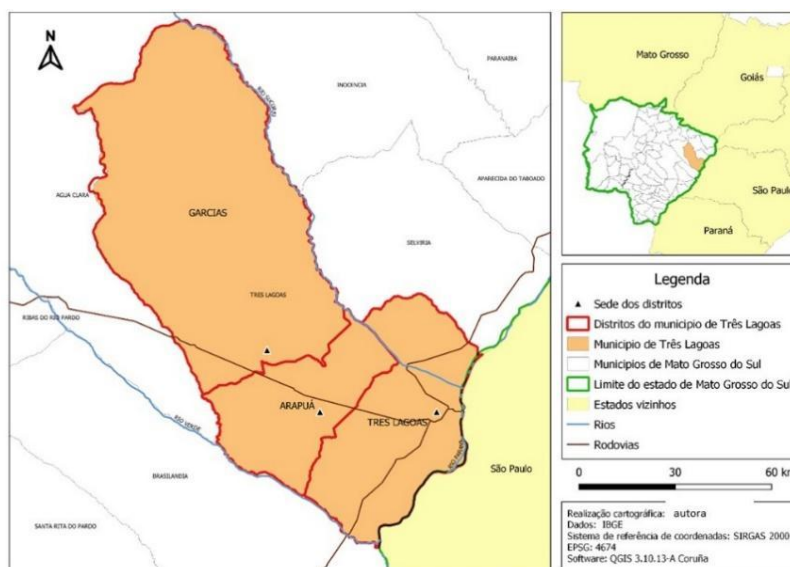
Fonte: IBGE/SIDRA: Tabela 3939 - Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho e Tabela 6783 e 1421 – Áreas de pastagens.

A pecuária assentava (e assenta), em grandes extensões, fazendas onde moravam numerosas famílias. Isso se refletiu nas comunidades rurais que drenavam a população rural. No município de Três Lagoas, existem comunidades rurais que se constituíram sob influência da estruturação da agropecuária e/ou das atividades ligadas à ferrovia. Duas delas se destacam por serem as mais antigas, onde o movimento marcou socialmente e espacialmente a dinâmica territorial do município. Arapuá e Garcias são duas comunidades

² “Três Lagoas é oficialmente a Capital Mundial da Celulose”, 22 de abril de 2013, disponível no site da prefeitura de Três Lagoas em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/tres-lagoas-e-oficialmente-a-capital-mundial-da-celulose/>, acesso dia 28.01.2021. “Três Lagoas é oficialmente a capital mundial da celulose”, 16 de abril de 2015, disponível em <https://revistacamponegocios.com.br/tres-lagoas-e-oficialmente-a-capital-mundial-da-celulose/>, Acesso dia 28.01.2021.

e são igualmente sedes dos distritos homônimos. O mapa 01 representa a divisão administrativa do município de Três Lagoas em três distritos: distrito de Três Lagoas; distrito de Arapuá; e o distrito de Garcias, os três pertencendo ao município. Nosso estudo se concentra nos distritos de Arapuá e de Garcias, mas, ao longo do texto, iremos nos referir à “região de Três Lagoas”, para nos mencionar de maneira mais ampla a região onde o eucalipto se implantou nesses últimos anos.

Mapa 01: Mapa de localização da área de estudo.



Fonte: IBGE.

Para o presente trabalho, escolhemos investigar as comunidades de Garcias e de Arapuá: a sede dos distritos para o acesso da população e a área total dos distritos, a fim de entender e representar cartograficamente as repercussões das mudanças territoriais nas e para as comunidades. Estudos já apontavam transformações importantes no distrito de Arapuá e Garcias, devido à territorialização do complexo do eucalipto-celulose-papel. Kudlavicz (2011), ao tratar das consequências do avanço do eucalipto percebidas pelos moradores das comunidades de Garcias e do Distrito de Arapuá, enfatiza que:

São duas das maiores comunidades rurais do município de Três Lagoas que hoje estão sofrendo com o cerco do plantio de eucalipto [...] Seus moradores viviam na sua maioria das atividades agropecuárias como sitiantes, comerciantes e trabalhadores braçais das fazendas. O número de famílias que residiam nessas comunidades diminuiu significativamente, desestruturando o comércio local, a escola, o lazer e, até mesmo, as atividades religiosas da comunidade (KUDLAVICZ, 2011, p. 142).

Kudlavicz (2011) assinalou, na época, os problemas ligados à venda ou ao arrendamento de fazenda para o plantio de eucalipto e o fato de serem as “famílias expulsas das fazendas pelo plantio de eucalipto”, provocando êxodo rural e impacto negativo no

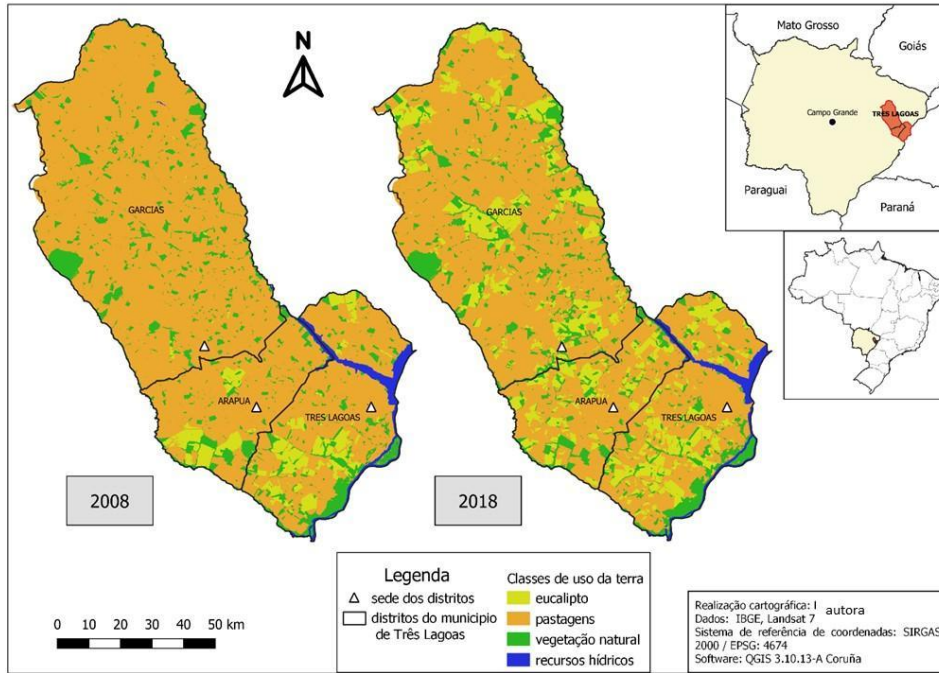
movimento dos comércios de Arapuá, com queda nas matrículas escolares, sob risco de desativação de salas de aula. O esvaziamento do campo pelo arrendamento das fazendas para o eucalipto provoca a saída das famílias que trabalhavam nessas áreas e tem consequência na dinâmica de Arapuá e Garcias, sobretudo, na sua área urbana, seja como lugares de prestação de serviços para a comunidade, ou como lugares de lazer e recreação, permitindo a reprodução e a permanência de uma cultura específica de uma comunidade, de um modo de vida.

Para entender e verificar a espacialização do processo de expansão do eucalipto no distrito de Arapuá e de Garcias, foram usadas técnicas de geoprocessamento, para a espacialização multitemporal do uso do solo, em 2008 e 2018. Usamos imagens Landsat 7 de agosto de 2008 e agosto de 2018 para o município de Três Lagoas. As imagens foram geoprocessadas em ambiente SIG, por meio do Software Quantum Gis. Realizamos, então, a classificação supervisionada, definindo classes de uso da terra: pastagens, eucalipto, recursos hídricos e área urbana, adequando-se com o Manual Técnico de Uso da Terra, do IBGE³.

O mapa 02 evidencia o uso do solo em um período de dez anos (2008-2018), no município de Três Lagoas, dando destaque para os distritos de Arapuá e de Garcias. Percebe-se que os eucaliptais se expandem na área toda do distrito de Arapuá exceto próximo à sede que conta com muitos sítios e assentamento rural. Podemos explicar a não-entrada do eucalipto nas regiões próximas e circunvizinhas ao centro urbano de Arapuá, pela “barreira” que a comunidade local apresenta frente ao processo de expansão do eucalipto, mas também pelo fato de que o eucalipto se expande, na sua maioria, em áreas extensas, antes ocupadas pela pecuária extensiva.

Mapa 02: Evolução do uso da terra no município de Três Lagoas (MS) entre 2008 e 2018.

³ O IBGE estabelece classes da cobertura e do uso da terra, nas quais decidimos pautar nossas classes conforme a figura que segue. No entanto, resolvemos clarear a classe do eucalipto para facilitar a leitura e a distinção com a classe de pastagem tendo em vista que essas duas se encontram no Manual em tons similares.



Fonte: imagens Lansat7 de agosto de 2008 e de 2018 processadas no software Qgis.

Fica evidenciado que o eucalipto era praticamente inexistente da área do distrito de Garcias em 2008. Situação bem diferente da de Arapuá é o fato de que as plantações de eucalipto cresceram na sede do distrito e se fazem expressivas na paisagem. No trabalho de campo, registramos o eucalipto que chega quase no quintal das residências.

Figura 01: Mosaico de fotos da proximidade do eucalipto das áreas habitadas.



Fonte: autora (2020). Foto 01: igreja católica com o eucalipto no fundo. Foto 02: o eucalipto beirando a estação de trem de Garcias. Foto 03 e 04: o eucalipto presente nos quintais dos moradores.

Com a tabela 01 é possível observar a evolução das classes de área na superfície total no município de Três Lagoas. Podemos constatar que houve uma quase transferência das áreas de pastagens, que foram para o eucalipto. A vegetação natural e os recursos hídricos se mantiveram com uma leve diminuição das suas áreas.

Tabela 01: áreas das classes de uso da terra em hectares em 2008 e 2018 no município de Três Lagoas.

	Área (ha) 2008	Área (ha) 2018	Área (%) 2008	Área (%) 2018
<i>eucalipto</i>	62 830	196 561	6%	19%
<i>pastagem</i>	735 267	612 662	72%	60%
<i>vegetação natural</i>	204 103	197 029	20%	19%
<i>recursos hídricos</i>	20 685	16 633	2%	2%
<i>total</i>	1 022 885	1 022 885	100%	100%

Fonte: extraído da classificação de imagens satélites para uso da terra no município de Três Lagoas entre 2008 e 2018.

Essa mudança do uso do solo impacta diretamente e indiretamente as comunidades de Arapuá e de Garcias nas suas práticas territoriais cotidianas, nos seus significados e na identidade territorial que define a relação de um grupo social com seu espaço.

Para melhor entendermos quais são as mudanças territoriais ocorridas no campo das comunidades rurais, precisamos compreender as relações dessas comunidades com o

seu espaço e, dessa forma, observar e ouvir como definem, percebem e representam as relações sociais, a fim de compreendermos o território em questão e a amplitude das mudanças provocadas pela territorialização do complexo eucalipto-celulose-papel.

Compreender o território pelos sujeitos: por uma abordagem teórico-metodológica de geografia qualitativa

Para entendermos as mudanças socioespaciais ocorridas com o decorrer da territorialização do eucalipto no município de Três Lagoas, escolhemos uma abordagem pelas relações sociais como chave de interpretação das mudanças territoriais. O sujeito não é apenas um elemento do espaço, ele é quem faz o território, se representa e se projeta neste para realização e materialização no espaço dos seus projetos sociais.

Consideramos o espaço como a causa e a consequência das relações sociais de poder (Raffestin, 1980). Os sujeitos precisam do espaço para se projetar e organizar sua luta pelo acesso e pela apropriação daquele. A forma que ele vai tomar é a consequência desse jogo de poderes e a materialização dessas interações.

Nossa abordagem é inscrita na geografia social, que considera o território como a relação que existe entre um grupo humano e seu espaço de vida (HÉRIN, 2007). Os grupos sociais no centro, na base, na origem das dinâmicas espaciais, uma atenção específica é dada aos sujeitos, que oferecem ao pesquisador uma visão parcial a qual permite ter acesso ao real, ao subjetivo do espaço (RIPOLL, 2006), na perspectiva de entender as percepções (que guiam os atos), as práticas cotidianas (fruto dessa equação projeto-espaço), a fim de perceber a identidade dos territórios que definem e caracterizam os sujeitos (DI MEO, 2002).

O território como resultado da expressão socioespacial do jogo de poder entre diferentes grupos (RAFFESTIN, 1980) tem uma conotação dupla e inseparável: material e imaterial, em que um alimenta o outro (HAESBAERT, 2007). Por isso, a importância de entender o imaterial, o simbólico e de como os dois vão se inter cruzar tanto na esfera do visível quanto do invisível, traduzindo as relações espaço-sociedade (RIPOLL; VESCHAMBRE, 2005) e especificamente as dinâmicas de apropriação conduzidas pelos aspectos concretos e vividos (LEFEBVRE, 2006).

Para nosso estudo, é importante entender o território vivido, aquele do cotidiano (DI MEO, 2002), apropriado por uma população, reivindicado, que tem uma história a qual precisamos ouvir dos grupos sociais para entender como uma “simples” mudança no padrão produtivo de uso e ocupação do solo pode ter consequências diferentes em função da escala social escolhida e, mais especificamente, para os que vivem no território em questão.

A abordagem qualitativa, por meio de entrevista semi-dirigida, apareceu para os geógrafos como o método mais adequado para coletar discursos e interceptar as categorias

utilizadas pelos entrevistados para definir a relação espaço-sociedade, saindo do positivismo para entender objetos ideais/subjetivos e linguísticos (BULOT; VESCHAMBRE, 2006).

Os sujeitos são testemunhas do seu cotidiano e, conseqüentemente, de seus territórios e, por isso, os mais aptos a falarem sobre as suas mudanças e a respeito dos processos de legitimação e apropriação do espaço que estão em jogo. Nesse sentido, a análise de discurso permite captação dos problemas e jogos em termos de relações de poder que denotam os elementos subjacentes às dinâmicas de reorganização territorial. Por isso, a geografia social usa os discursos para a abordagem social da dimensão espacial dos seus estudos, considerando o discurso na sua polifonia como outras práticas sociais (BULOT; VESCHAMBRE, 2006).

Os discursos produzidos permitem entender o posicionamento de tal grupo social, dentro do jogo social, sobre um conjunto de temas em função da problemática abordada (paisagem, vida social, meio ambiente, etc.), ideias que vão caracterizar o pensamento de um grupo, não como realidade absoluta, mas sim como uma ideia que eles querem passar ao entrevistador e, de modo mais geral, à sociedade. Assim, os discursos produzidos em entrevista permitem o acesso às representações sociais próprias a cada grupo social (PIERMATTÉO; GUIMELLI, 2012).

As representações sociais informam sobre a opinião de um indivíduo, mas também sobre a opinião dominante, o senso comum e o pensamento do grupo social a que ele pertence, e, assim, todo um conjunto de elementos que vão no sentido de criar a identidade de um grupo e sua legitimidade territorial. Por isso, nesta pesquisa, se evidencia o quanto é preciso entender as representações sociais dos atores das comunidades rurais em foco. Logo, podemos acessar as características que estruturam os diferentes grupos no espaço. Torna-se necessário entender quais são os elementos materiais e imateriais constitutivos do território os quais os entrevistados mencionam que foram alterados com a chegada do eucalipto nos seus territórios e que acabam por prejudicar o grupo social, a comunidade, na sua existência e na reprodução do seu modo de vida.

Para Turra Neto (2011), a história oral e as entrevistas são metodologias que permitem chegar nos e entender os processos históricos e as representações sociais. A primeira tem a sua origem de contar história da “contra história”, da “outra história”, dos excluídos, dos silenciados. Nossa intenção é justamente de ouvir para poder contar o outro lado da “capital da celulose”; é partir de outro ponto de vista, de uma narrativa diferente, que representa a subjetividade dos sujeitos e, então, se aproximar da multiterritorialidade característica da relação espaço-sociedade. Pelas entrevistas e com a metodologia da história oral, é possível captar a subjetividade dos sujeitos, na medida em que permitem as representações sociais de um grupo, em geral, pouco solicitado nos projetos de territorialização do agronegócio pela monopolização do território pelo capital.

Recorremos às entrevistas semi-dirigidas para permitir ao entrevistado se expressar mais livremente com apenas comentários/perguntas, pontuando o diálogo com consciência da difícil tarefa de não-imposição da problemática, mas sempre tomando o cuidado de não indução das respostas. Frisa-se que a realização de entrevistas gera uma base textual consequente que precisou passar por uma análise temática. Esse agrupamento temático seguiu as hipóteses do trabalho e foram delimitadas das seguintes formas: a diminuição do movimento na vila; a perda da biodiversidade; e as mudanças do papel da escola para a comunidade. O tratamento temático das entrevistas permite acessar as transformações ocorridas e o significado dos elementos constitutivos do território para a identidade territorial da comunidade.

Caracterização, mudanças e perspectivas territoriais: quando os sujeitos contam

A entrada do eucalipto gerou importantes mudanças no padrão produtivo. Essas transformações territoriais são abordadas nesta última parte, a partir dos discursos dos habitantes, testemunhas das mudanças territoriais cotidianas e os mais habilitados a nos falar sobre elas por meio de suas percepções.

Abordaremos, primeiramente, as mudanças ocorridas no território, com base nas considerações e descrições dos entrevistados, permitindo acessar e identificar, por meio das práticas cotidianas do espaço, o significado de tal território, ajudando a caracterizá-lo pelas vivências dos sujeitos. Em um segundo momento, traremos a discussão mais específica sobre um importante tema surgido no decorrer do trabalho de campo, a saber: o papel da escola rural para as comunidades rurais, analisado sobre a ótica das teorias da Escola do Campo, junto a nosso referencial teórico-metodológico provindo da geografia social, no intuito de entender o papel de algumas instituições sociais no campo, para a formação da identidade territorial de um grupo social.

Êxodo rural, descaracterização sociocultural e impacto ambiental: visão de um desequilíbrio territorial pelos sujeitos do território

“tem dias que você passa lá, parece uma cidade deserta” (entrevistado 1, 14 de janeiro de 2019, concedida a Autora)

A compra de terras ou o arrendamento pelo setor eucalipto-celulose-papel teve como consequência ligada às mudanças de uso e ocupação do solo um importante êxodo rural nas duas comunidades analisadas. Em 2000, Arapuá contava 1.911 habitantes, enquanto, em 2010, sua população baixou para 1.697. Garcias contava 2.301 habitantes, em 2000, e, em 2010, conta com apenas 2.070 habitantes. Em 2020, a população de

Arapuá foi estimada em 1.586, e a de Garcias, em 1.967, o que representa, respectivamente, uma perda de 17% para Arapuá, e 15% para Garcias, em relação ao período 2000-2020.

Tabela 02: População e sua evolução no período 2000 a 2020 (população estimada)

	2000	2010	2020	2000-2010	2000-2020
Arapuá	1911	1697	1586	-11%	-17%
Garcias	2301	2070	1967	-10%	-15%

Fonte: Censo Demográfico, 2000 e 2010. Foi aplicada a Taxa Geométrica de Crescimento Anual (TGCA) para calcular a projeção da população em 2020.

A partir do levantamento dos dados de população referente ao Censo Demográfico e da população estimada, torna-se expressivo ouvir os moradores dessas regiões, que assistiram à queda populacional e a vivenciaram, ao decorrer da entrada do eucalipto em seus territórios e seus reflexos no dia a dia.

Um dos aspectos marcantes e presentes em todas as entrevistas realizadas é a diminuição dos eventos festivos e culturais considerados tradicionais para a comunidade rural de Arapuá. Um entrevistado descreve a maneira que ele percebia o movimento na vila, como ele participava e seu olhar hoje sobre essa mudança:

Antigamente nós íamos mais, que antigamente a gente era mais novo, gostava de tomar [risadas] e lá quase todo final de semana era forró né, festa lá, e agora diminui, as vezes você chega lá, não tem nada, então você não anima [...] os bailões [risadas] você vê que antigamente as festas em Arapuá saia de lá 3 ou 4 horas da manhã, hoje faz uma festinha lá quando der onze e meia, meia noite, está tudo mundo indo embora. Antigamente enquanto não amanhecia o dia o pessoal não ia embora, e era gostoso, quantas vezes eu tirava o leite e a vaca pisava no meu pé e eu dormindo [risadas] ia direto no mangueiro pra depois ir dormir [...] acabou também...não tem mais divertimento, jogos de bola também, os torneios, porque como tinha bastante fazendas em volta, rodava mais dinheiro na região, porque aquele pessoal de fazenda recebia por mês, daí fazia o baile, o pessoal de fazenda como não tem lugar pra gastar quando iam nas festas eles iam e gastavam mesmo, então era lotado, quermesse, era muito animado Arapuá (Entrevistado 1, 14 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Com a queda populacional, houve uma queda dos eventos que, tradicionalmente, reuniam a comunidade, tais como torneios de futebol, quermesse, festas de igreja e outras festas de final de semana, a exemplo dos bailes. No próximo trecho, o entrevistado pontua a queda populacional e como isso teve, em sua percepção, consequências negativas para o dinamismo da comunidade de Arapuá, principalmente, nos finais de semana, quando a população da vila e dos sítios, além das fazendas no entorno, costumavam se encontrar, transitar para lazer e recreação, bem como para funcionalidade/abastecimento cotidiano:

Diminuiu consideravelmente a população, e dessa população o esporte foi um fracasso né, e parte da diversão também, os bailes diminuíram muito porque nós tínhamos quase todos os sábados, e o movimento de pessoa, transitando em ruas, em bares e o comércio diminuiu (Entrevistado 7, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Continuando, o entrevistado faz uma relação entre a queda da população e da sua circulação na vila de Arapuá com a chegada do eucalipto nas proximidades. Ou seja, a região sendo ocupada por grandes fazendas, onde antes trabalhavam grandes quantidades de famílias, viu na mudança da pecuária para o eucalipto, a necessidade dessas famílias se mudarem para outras localidades.

O impacto é associado ao eucalipto. Porque existia muita gente nas fazendas. Tinha fazenda que tinha até o tamanho de Arapuá, em termos de atuação, de emprego, de escola, tudo foi destruído. A maior parte dessas fazendas, no início do eucalipto, eles furavam um buraco muito grande com máquina e enterravam as casas inteiras, né. Na época, muitas casas foram enterradas (Entrevistado 7, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

No final, o entrevistado enfatiza o processo violento de substituição pelo eucalipto, materializado pela destruição das casas que estavam presentes nas fazendas na época em que estas eram ocupadas pela pecuária, marcando a população pela destruição física das moradias, depois do despejo das famílias trabalhadoras, que simbolizavam a dinâmica social da comunidade rural. O processo de substituição da pecuária pelo eucalipto é também percebido nas palavras como um processo violento, assistindo à sua paisagem e à sua história sendo arrancada:

Arrancou, arrancou tudinho, enterrou, eles enterram tudo...ali na Moeda⁴, tem um amigo nosso que foi lá e diz que chorou bastante quando ele viu lá, só eucalipto, eucalipto assim, acabou mesmo (Entrevistada 2, 14 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Outra entrevistada evoca o quanto a entrada do eucalipto é vivida negativamente e, sobretudo, os elementos que eram do cotidiano estão sendo destruídos: “Mas agora de uns anos pra cá, com a entrada do eucalipto, mudou totalmente, muitas fazendas foram desapropriadas e aí a gente sente na pele né” (Entrevistada 11, 28 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora). Essa entrevistada liga à entrada do eucalipto, a diminuição dos elementos imateriais que eram constitutivos da comunidade de Arapuá (eventos, bailes, eventos esportivos) e dos materiais, constitutivos da paisagem visível, do território, no caso os elementos da natureza:

⁴ « Moeda » assim como o « 512 » são pequenos grupos de habitações aglomerados e repartidos no campo, muitas vezes se encontrando em um ponto “estratégico”, em torno de uma igreja, de uma escola rural ou ainda de um boteco, ao encontro de fazendas, onde as famílias encontravam um ponto de referência.

Os campeonatos eram bem movimentados, bem animados, tinha as festas, hoje você vai ter as pessoas contadas [...] na natureza, os rios, eram bem amplos, bem cheio, transbordava, hoje você vai lá mal cobre seu pé, vai secando as fontes (Entrevistada 11, 28 de janeiro de 2019, concedida a Autora).

As fotos a seguir ilustram o movimento que existia no distrito que seja na escola, no centro comunitário, nos torneios de futebol onde Arapuá tinha seus próprios times e ainda o posto de gasolina que funcionava na época.

Figura 02: Fotos escola, festas e jogos de Arapuá.



Fonte: Arapuá News. Foto 01: natal na Escola Alfonso Francisco Xavier Trannin, 1997; foto 02: reunião com representantes políticos e população, centro comunitário, abril 2007; Foto 03: time de Arapuá; jogo campeonato infantil, campo de Arapuá, 2008; Foto 04: time de Arapuá X Três Lagoas –

Amistoso, campo de Arapuá, 1990; Foto 05: Dia das crianças, Escola Alfonso Francisco Xavier Trannin, 1980; Foto 06: Posto de gasolina funcionando, 2004.

Uma característica dessa violência é a mudança da paisagem que ouvimos dos entrevistados. Eles enfatizam, ainda, a redução e até o desaparecimento de espécies da fauna e da flora. O entrevistado 7 evoca essa mudança que ele tem percebido nos últimos anos:

Caso de muitas aves que sumiram: perdizes, Anu-branco, Anú-preto, Jaó. Outros que a gente percebe que a fome existe nos animais, principalmente os macacos que vem comer dentro da vila, arara, tucanos, não deixam mais nada, nada. Até os limões eles experimentam comer. Isso é ligado com o desmatamento, com o eucalipto (Entrevistado 7, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

O entrevistado 2 também relata como a fauna foi reagindo à eliminação dos seus habitats e se aproximando dos quintais e das propriedades:

Fruto aqui no quintal que você planta, difícil de você colher, laranja, limão mesmo, tangerina, difícil colher, quando começa a querer madurar o papagaio vem, periquito [...] foi depois da chegada do eucalipto, no caso de milho já tinha papagaio, mas não estava sendo igual está aqui agora, maritaca. Milho se você planta aqui se fosse pra fazer silagem porque pra colher e esperar secar, não seca não. É que nem as firmas, elas deram sementes de milho pra nos plantar, pros papagaios não pra gente não [risadas][...], tamanduá vem comer ovo aqui, você sabia que tamanduá come ovo? [risadas] (Entrevistado 1, 14 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

O desequilíbrio ambiental é percebido pela população, que assistiu às mudanças no campo e na cidade:

Nós sempre tivemos muitos bichos aqui, mas hoje está demais, tem muito e vem por nossos pomares, porque acho que eles não têm comida. Outro dia nos estávamos com 10 araras aqui, não sei quantos tucanos. Sabe, papagaios, aquelas maritacas, tudo eles vêm pra casa da gente. Tinha antes, mas não tinha tanto igual tem agora. Uma das mudanças. (Entrevistado 9, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Tais mudanças no comportamento da fauna e os desequilíbrios ambientais são apontados por autores que também analisam os efeitos da introdução da agricultura comercial “moderna” para as comunidades camponesas:

Observa-se também a partir da modernização da agricultura, a mudança no balanço hídrico que vem propiciando a eliminação de nascentes; as mudanças nos hábitos da fauna que levou a alguns animais a invadir propriedades em busca de comida (JESUS *et al.*, 2019, p. 123).

Todos os entrevistados relatam os impactos da vinda do eucalipto e evocam o assoreamento dos córregos e como isso modificou as práticas sociais da comunidade. Vários córregos eram usados pela população para atividades de lazer e que hoje não existem ou não representam um lugar de encontro da população por suas características ter diminuídas significativamente.

Todo mundo reclama que as nascentes não estão sendo preservadas e estão secando, inclusive aqui tem um açude grande, tinha um córrego, secou. O córrego da ponte também está bem diferente, as pessoas iam lá fazia tipo um balneário (Entrevistado 5, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Em Garcias, os entrevistados também apontam o fato de os recursos hídricos terem secado com a entrada do eucalipto e lembram a abundância da água e até a existência de uma cachoeira, lugar que a população costumava frequentar:

Os rios secaram. Acabou com a cachoeira. Lá perto do pontilhão tinha quase uma lagoa, agora tem água nenhuma. Agora tem um pouquinho porque nos limpamos, juntou água e muita capivara, agora quem toma banho lá ? (Entrevistada 12, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora).

Outra entrevistada de Garcias aponta a falta de água e, em decorrência desse fato, o desequilíbrio gerado no ambiente:

a nossa região era rica em água, nós tínhamos uma cachoeira aqui que funcionava, córrego que desce, tem outro que cruza embaixo, tinha lugares que a gente tomava banho. Hoje não existe mais. O eucalipto ajudou em uma coisa? Lógico que não. Os açudes dentro das fazendas onde plantaram eucalipto secam. Então como que é uma coisa boa? Porque se fosse uma coisa boa a água teria que manter aí. Os animais vivem do que dentro do eucalipto? Eles comem o quê? Antigamente a nossa região era rica em frutas: goiabeira do mato, marolo, é frutas selvagens né, hoje não tem mais. Ah não, dentro dessas reservas ainda existe. E que tem que lutar muito porque muitas vezes está sendo degradado (Entrevistada 13, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora).

A entrevistada, ao falar sobre a diminuição dos recursos hídricos ressalta? sobre um aspecto relevante, no decorrer das entrevistas, que é a diminuição e até o desaparecimento da flora regional, as espécies típicas do Cerrado, cuja população da comunidade costumava extrair. Entrevistados de Arapuá também apontam esse aspecto:

Pegar marolo, pequi, guavira: está acabando, não está tendo mais essas frutas não tem mais, por conta do eucalipto. Tem ainda mas é bem raro. Nossas matas estão acabando. A pecuária diminuiu um pouco, mas ainda deixava um pouco (Entrevistado 6, 28 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Outro entrevistado em Arapuá lembra como essas frutas eram parte do cotidiano, até no espaço físico: “Guavira, nós tínhamos na porta de casa.... hoje, nem sei aonde tem. Marolo, a gente tinha no quintal mesmo” (Entrevistado 5, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora). Outro também lamenta a raridade cada vez mais gritante dessas espécies do Cerrado: “Pequi está acabando, marolo, guavira deu pouco esse ano” (Entrevistado 1, 14 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Figura 03: Espécies do cerrado antes presentes em abundância na região de Três Lagoas.



Fonte: <http://ciprest.blogspot.com/2018/04/marolo-do-cerrado-annonna-crassiflora.html>, acesso em 7/02/2021.

Sem exceção, os entrevistados relacionam a diminuição da flora e o aparecimento da fauna nos quintais como uma consequência da entrada do eucalipto e do desequilíbrio provocado em relação a essa mudança de uso do solo. Tendo em mente que as pastagens já tinham alterado a dinâmica do bioma cerrado e das espécies que o compõem, os entrevistados observam que com o eucalipto ocorre uma eliminação sistemática das áreas de mata e das espécies que a pecuária mantinha, mesmo uma pouca quantidade, porém, era o suficiente para a fauna poder se alimentar e assim se reproduzir sem precisar recorrer aos quintais.

Os habitantes dos distritos de Arapuá e de Garcias percebem importantes mudanças em termos de movimentos e vida social dos distritos, uma queda significativa do dinamismo econômico (diminuição dos comércios) e social-recreativo (diminuição da frequência e frequentação dos bailes, quermesses, torneios de futebol, eventos comemorativos na escola e nas igrejas) que os entrevistados ligam à entrada do eucalipto.

Podemos, dessa maneira, observar como o avanço e a apropriação material e objetiva do espaço das plantações de eucalipto são percebidos pelos moradores. Enquanto o eucalipto se espalha, os aspectos sociais – os quais caracterizam o encontro da comunidade na vila – e culturais tendem a diminuir simultaneamente. Ao falar sobre a

redução dos eventos recreativos e a respeito da queda do movimento na vila, distinguimos uma certa nostalgia de um tempo revoluto. Entendemos que aspectos culturais e simbólicos têm um papel importante para a vida da comunidade e para a própria identidade, pois, ao perguntar sobre as transformações, os entrevistados tratam, em primeiro lugar, do quanto a vila era movimentada, do quanto a população se reunia para comemorar e festejar, o que caracterizava a comunidade.

De fato, a comunidade se define em função de critérios geográficos, religiosos/espirituais e culturais (GOUSET; HOFFMAN, 2006). O capital cultural proposto por Bourdieu permite entender a relação entre classes sociais e suas apropriações do espaço e entender a importância dos elementos culturais no processo de caracterização e formação da identidade de uma comunidade e a ligação indissociável entre território e cultura (HAESBAERT; ARAÚJO, 2007).

A seguinte citação de um casal entrevistado em Garcias demonstra essa ligação complexa que existe entre a comunidade de ontem e de hoje, as suas características que mudaram de maneira significativa, e sua identidade, que traz aos moradores o sentimento de nostalgia e de revolta. A indagação dos moradores dos distritos diante da queda do movimento e do desenvolvimento, alimentado pela falta perceptível de políticas públicas voltadas para esses territórios, os conduz a persistir e resistir pelos seus territórios:

Hoje eu já me sinto isolado. A população aqui acabou. Eu conheci isso aqui com açougue, com cartório, farmácia, com delegado, fábrica de farinha (mandioca e rapadura), pra mim hoje não tem mais nada. Estou aqui de teimoso, eu sei que Garcias não vai conseguir reconstruir, porque pelos anos que passam... Vontade que ele volta a crescer eu tenho, mas é complicado. Os políticos não tão trabalhando para Garcias, não interesse eles, muito também não sabem, na mente deles lá, porque é um lugar que não tem renda nenhuma [...] (Entrevistados 12, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora).

Domina a percepção dos entrevistados de que a entrada do eucalipto impactou os distritos e as comunidades na sua globalidade. Os fragmentos do discurso demonstram a relação quase dialética entre os elementos da memória coletiva, que fazem parte da relação imaterial, e os elementos materiais, os quais ligam uma população, uma comunidade, a uma porção do espaço, constituindo uma territorialidade onde uma população se identifica e a que pertence.

Não se trata apenas de uma simples mudança de ocupação agrícola, mas sim de alteração no próprio modo de vida da comunidade, na própria essência da comunidade que se encontra perturbada, afetada, em outras palavras: a sua territorialidade, ou, seja a relação que os indivíduos e grupos sociais têm com a características de uma porção do espaço.

A organização socioespacial da comunidade se forja em função de um conjunto de elementos econômicos, sociopolíticos e culturais, que se sustentam em uma relação complexa. Dito isso, uma alteração em um desses elementos pode fragilizar a territorialidade da comunidade e o seu projeto territorial. A relação complexa entre esses elementos pode encontrar-se em um determinado lugar, em uma determinada instituição querida pela população, a exemplo da escola.

Para tanto, trouxemos uma discussão a respeito da escola e do seu papel para e na comunidade. Essas considerações foram emergindo no decorrer da pesquisa de campo, quando a escola começou a ser entendida como um ponto de referência para as comunidades rurais e, assim, o seu papel como motor e lugar objetivo e subjetivo de encontro da comunidade.

A escola no centro da dinâmica socioespacial da vila

O esvaziamento do campo se traduziu também pelo esvaziamento das escolas da região e até pelo fechamento das escolas rurais. O entrevistado enfatiza a situação da desativação das escolas rurais na região: “Na época existia até 38 escolas rurais na região, quase todas as fazendas tinham escola ou professores”. Nas palavras dos entrevistados, o fechamento das escolas marcou um ciclo em Arapuá, porque, além de lugar de aprendizagem, as escolas tinham um papel importante para as famílias as quais tinham seus filhos matriculados, uma função de encontro e convivência da comunidade por meio das festas e dos eventos vinculados, dos quais a comunidade costumava participar.

Atualmente, a escola localizada no distrito de Arapuá, na sede deste, é uma das únicas na região, e possui expressividade em matrículas de alunos moradores em fazendas vizinhas à vila, como enfatiza a entrevistada 5: “Nossos alunos daqui são poucos, no distrito mesmo são poucos, mas nós tínhamos muitos alunos de fazenda grande que tinha 4-5 famílias, 6 famílias, e hoje não tem” (Entrevistado 1, 14 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

A Escola Estadual Afonso Francisco Xavier Trannin passou a ser Escola do Campo, a partir de 2012, com a publicação do Diário Oficial do Estado do Mato Grosso do Sul da Resolução/SED n. 2.507, de 29 de dezembro de 2011 (LEMES; NARDOQUE, 2016). As escolas do campo são uma forma de atender às realidades e especificidades das comunidades camponesas, por meio de propostas pedagógicas previstas na resolução citada acima.

Em 2010, a Escola Estadual Afonso Francisco Xavier Trannin registrava, segundo os dados do Censo Escolar da Secretaria de Estado de Educação, 536 matrículas, em 2017, esse número caiu para 429. Outro elemento sintomático do êxodo rural é a junção das salas

e a adoção do sistema multisseriado, o que ocorre quando existe um baixo número de alunos matriculados, que é o caso da Escola de Arapuá (MACEDO; NARDOQUE, 2018).

Em todas as entrevistas realizadas com os moradores, a questão da escola é um dos principais elementos mencionados como impacto relacionado à chegada do eucalipto. Como é enfatizado pela Entrevistada 2: “Na escola também tinha muita festa, a escola também parou, semana da criança na escola que fartura que fartura, o Natal...tinha formatura! Esse ano parece que não teve formatura” (Entrevistado 2, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora). A entrevistada 8 compartilha a sua visão da escola “de antigamente”: “A escola não é mais aquela escola de antigamente, era escola bonita, reformada, cheia, era festa direto na escola, era formatura dos alunos, todos eles faziam formatura, fazia festinha... (Entrevistada 8, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Evocando a escola, denota-se, na fala do entrevistado, uma certa nostalgia de um tempo quase revoluto que se traduzia pela abundância das relações sociais que se foram junto com os (aos seus) sujeitos.

A escola era o centro [do movimento] aqui era muito agitado, sábado, domingo era festa. O eucalipto tirou o jovem daqui. Participava de jogos, desfile, das festas. Esse coletivo de Arapuá [...] Essa amizade, essa coletividade hoje nós não temos mais (Entrevistado 5, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

A escola configura-se no centro das relações sociais da região, caracterizando a sua comunidade pelas reuniões e pelo lazer, em geral. Lugar e momentos de encontro para a comunidade. O entrevistado descreve o movimento que gerava a escola a partir das fazendas:

Ônibus que ia até o Rio Verde, Fazenda Anaconda, ia com em torno de 60-70 crianças, hoje temos 12-15 crianças no ônibus. E é o forte ainda, porque as nossas crianças daqui, da vila, não chegam a 80 (Entrevistado 7, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Fica evidenciado para a população que a escola era frequentada e funcionava graças às famílias trabalhadoras das fazendas da região. O eucalipto teve um impacto significativo tirando a população do campo e diminuindo as matrículas escolares. Os entrevistados, moradores antigos, que tiveram algum cargo ou trabalho na escola, em sua maioria, estão cientes de que, ainda hoje, a escola funciona pelos alunos vindos das fazendas que ainda não arrendaram para o eucalipto, pelo simples fato que somente a população da vila não seria suficiente para manter a escola aberta. Em outras palavras, a escola é movida pela vida no campo. O entrevistado 7 explica:

30 anos trabalhei na escola do 512: fechou! Agricultura em decadência, pecuária e depois o plantio de reflorestamento. Porque enquanto existia a pecuária, a agricultura, a sericultura, estava permanecendo o número. Eu cheguei a dar aula para 42 crianças na escolinha lá. Aí depois de 8 anos que eu trabalhava lá, diminui para 15, aí veio o fechamento da escolinha. Depois agrupou na Serraria (Entrevistado 7, 22 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

A diminuição das matrículas nas escolas do campo e as ameaças de fechamento de escolas são sintomáticas do avanço do agronegócio no campo. Por isso, nos últimos anos, a temática do fechamento das escolas do campo é recorrente nas pesquisas sobre a evolução do campo e de suas populações. Os dados do Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam que 29.459 escolas no campo foram fechadas entre 2003 e 2013, no Brasil (MARIANO; SAPELLI, 2014).

A escola do e no campo tem sua origem nos movimentos sociais de luta pela terra reivindicando terra e escolas públicas a partir dos anos 1990, com a proposta do processo educacional ser em adequação à realidade social vivida no campo, valorizando a identidade camponesa (CALDART, 2002 apud RODRIGUES, 2021). Em 2008, a educação do campo se institucionaliza por meio de resolução e decreto. Por mais que as escolas de Arapuá e Garcias não tenham suas origens na educação do campo partindo das lutas sociais, elas atendem às populações do campo, com peculiaridades e identidades ligadas à terra, onde a cultura camponesa se encontra no centro das dinâmicas sociais, na escola.

Autores da educação do campo relacionam o fechamento de escola com a expansão do agronegócio no campo (MARIANO; SAPELLI, 2014; SILVA; FOSCHIERA; CABRAL, 2020). A expansão do complexo eucalipto-papel-celulose no município de Três Lagoas pressiona cada vez mais a existência das escolas do campo pela grande diminuição da sua população rural, ameaçando a própria identidade da comunidade em questão. Em Arapuá, a população sentiu como a escola mudou ao decorrer dos anos, menos frequentada por causa que as famílias que moravam ao redor foram embora, e a escola passou a ter seu papel na sociedade alterado.

A nostalgia é bem perceptível, muito devido ao papel que a escola ocupava na sociedade, o qual foi alterado, uma vez que, hoje, esses eventos perderam a intensidade. Ao falar sobre o futuro de Arapuá, o entrevistado 3 faz direto a ligação com a escola e o fechamento das turmas da noite recentemente:

Eu acho que vai acabar. Bom, se vai acabar mesmo eu não sei não, mas, por exemplo, a escola aqui ela tinha 3 períodos de aula, de manhã, a tarde, a noite. Esse ano já não teve a noite. À tarde, é perigoso não ter aluno suficiente, diminuiu bastante né. Em Garcias tinha uma escola boa lá, foi diminuindo e fechou lá. Tinha muita gente que morava em fazenda, tinha

2-3 filhos... (entrevistado 3, 15 de janeiro de 2019, em entrevista concedida à autora).

Os entrevistados de Arapuá e de Garcias se recordam o quão movimentadas eram as escolas e como foi diminuindo a quantidade de matrículas com o avanço do eucalipto.

Os entrevistados daquela localidade, ao se expressarem sobre as mudanças ocorridas em seu cotidiano depois da chegada do eucalipto, sempre voltavam a falar sobre o fechamento da escola no distrito de Garcias, como se todos os temas abordados no decorrer da conversa (mudança na paisagem, problema das estradas, êxodo rural etc.) tivessem como ponto de convergência o fechamento da escola, a materialização/a concretização da retirada da identidade/da comunidade de Garcias.

A partir daí, nos deparamos com o fato de que o fechamento da escola marcou profundamente a sua população. De fato, a população rural diminuiu de maneira significativa no distrito de Arapuá e de Garcias, correspondendo com as áreas de territorialização do eucalipto. Lemes (2016), no seu trabalho sobre a escola Elma Garcia Lata Batista entre 2010 e 2016, enfatizava a redução do número de moradores e alunos no distrito de Garcias como consequência do arrendamento de terras pelo plantio de eucalipto dispensando serviço do trabalhador rural.

As famílias trabalhadoras das fazendas, principalmente de gado, foram para cidade de Três Lagoas ou outras localidades, e, então, o número de crianças em idade escolar foi diminuindo, não tendo mais condições, segundo a prefeitura, de manter duas escolas em funcionamento. Por isso, em 2018, a prefeitura decidiu fechar a escola de Garcias. Os moradores entrevistados relatam com muita insistência e sofrimento o processo de encerramento da instituição de ensino:

Porque agora com esses eucaliptos não está tendo tranquilidade. E fechou a escola. É o que nos queria que voltasse é a escola. As crianças estão sofrendo muito com esse negócio de escola tem que sair daqui pra ir pra Arapuá, é muito longe, tem crianças que ficam 3 horas dentro do ônibus. E a gente tinha uma escola muito boa aqui. A nossa revolta aqui em Garcias é esse aí. (entrevistada 12, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora).

A população tentou impedir o fechamento da escola e chamar atenção das autoridades (Prefeitura, Câmara dos Vereadores, Ministério Público etc.): “Fizemos paralisação, fizemos manifestação, fomos na Câmara, fomos no promotor público e nada foi resolvido, a escola foi fechada” (Entrevistada 13, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora). A população se encontra inconformada com a situação, mais ainda pelo fato de que os alunos da vila de Garcias – sobretudo, os alunos provenientes das

fazendas do distrito de Garcias – são obrigados a irem de ônibus à escola de Arapuá, o que exige passar grandes quantidades de horas dentro do transporte.

Figura 05: Mosaico de fotos da manifestação da população contra o fechamento da escola.



Fonte: primeira foto: protesto realizado pela população do Distrito de Garcias em reação ao fechamento da escola: <https://www.jpnews.com.br/tres-lagoas/pais-de-alunos-da-escola-de-garcias-protestam-contrafechamento-de/107812/>, publicado dia 27 de fevereiro de 2018. Segunda foto: protesto da população do Distrito de Garcias realizado no local: <https://arapuanews.com.br/moradores-de-garcias-protestam-em-prol-de-escola/>, publicado dia 16 de fevereiro de 2018. Acesso dia 7/02/2021.

A situação da escola de Garcias chamou nossa atenção pelo fato de que todos os entrevistados, ao falar sobre Garcias, sua história e sua evolução com a chegada relativamente recente do eucalipto, sempre chegavam a evocar o problema da escola e voltavam a tratar desse fato várias vezes ao decorrer da entrevista. Isso pode ser explicado pelo fato de que recentemente a escola foi fechada. Mas também vem corroborar com a ideia segundo a qual a escola tem um papel fundamental e até central na vida social das comunidades rurais. Ela está ao encontro das interações sociais e é o lugar da dinâmica social. Lemes (2016, p. 35) já identificava as funções “extra pedagógicas” da escola “pois abarca projetos sociais que beneficiam a comunidade, tornando-se ponto de encontro de todas as atividades do Distrito. Afinal, a escola é a materialização de uma política pública a

serviço de uma população do/no campo, reivindicando uma educação em adequação ao seu modo de vida e a realidade social vivida pelas populações do campo.

Nas palavras e percepções da população, podemos entender a escola como instituição cuja estrutura material é um ponto marcante no território rural por reunir a comunidade escolar, mas também que carrega um conjunto objetivo e subjetivo de atividades socioculturais marcando a comunidade rural na sua memória coletiva. Por isso, o encerramento da escola tem como consequência o “fechamento” da comunidade rural.

Por meio dos discursos, pudemos entender e identificar esses elementos culturais e evidenciar a importância desses para a identidade territorial da comunidade. O fechamento da escola gera um desvinculamento dos eventos culturais (jogos de futebol, eventos comemorativos), o que tende a levar para “a desunião da comunidade que passa a não se encontrar mais” (RODRIGUES, 2021, p. 106). O fechamento da escola tende a desvalorizar a identidade própria da comunidade rural, o que significa do território:

uma vez que sem a escola dificulta o movimento e transformação do mesmo. Além do êxodo rural, também acaba diminuindo as possibilidades de outros camponeses procurarem esse campo para morar, principalmente se forem pais com filho em idade escolar. Sobre a desvalorização do território (RODRIGUES, 2021, p. 107).

A perspectiva de “fechamento” da comunidade pelo encerramento da escola gera uma revolta muito grande nos moradores de Garcias, o que os leva a lutar e reivindicar o seu território. A população de Garcias se sentiu afetada pela decisão da prefeitura de fechar a escola e reforça a ideia que a comunidade se sentiu abandonada pelo poder público, consequência de um acúmulo de ações estatais contra a comunidade e do uso pelas empresas de eucalipto desses territórios sem preocupação em manter praticável pelos seus moradores (fechamento da escola, diminuição das ações no posto de saúde, não-manutenção das estradas, entre outros). A seguinte citação representa como os moradores se sentem diante das ações, os prejudicando:

Quem comanda aqui é a comunidade, aqui não tem prefeito, nós não temos vereador, nós não temos ninguém [...] A gente estava comentando aqui, se eles não tomam providencias a gente vai fechar a estrada, eles tem que arrumar a estrada [...] Enquanto eles estiveram com as máquinas lá trabalhando, nós não vamos liberar eles, [parte não ouvi direto] nem que tem que ficar a noite inteirinha, na beiradinha lá, mas não vão passar não, não vai passar ninguém, de firma não (entrevistados 12, 14 de março de 2020, em entrevista concedida à autora).

Podemos entender o papel da escola para e nas comunidades rurais como instituição capaz de atender e reunir a população. A desativação da escola municipal de Garcias parece ter sido um marco espaço-temporal. De fato, o distrito de Garcias já sofria as

consequências da chegada do eucalipto e do esvaziamento do campo das suas populações. Kudlavicz (2011), Lemes (2016), já faziam essa relação entre as famílias empregadas nas fazendas que mantinham aquecido o comércio local e a chegada do agronegócio do eucalipto como causa dos impactos socioeconômicos para as comunidades, além do desequilíbrio ambiental gerado. O fechamento da escola vem completar essa visão relatada pelos moradores de abandono da comunidade de Garcias pelo poder público. A escola tem um papel essencial, sobretudo, na vida das comunidades rurais e na sua estruturação socioespacial pela junção e convergência que ela constitui entre os sujeitos, dando assim o sentido material e imaterial de comunidade rural.

Conclusão

A territorialização do complexo eucalipto-celulose-papel vai além de uma simples mudança de uso e ocupação do solo. A evolução do uso da terra permite observar a proporção do fenômeno na escala espacial, bem como a direção tomada pelas plantações de eucalipto em uma perspectiva de análise com os outros grupos presentes nos territórios e como isso pode se repercutir e se expressar no jogo social.

A mudança da ocupação agrícola mostrou que a organização produtiva é estreitamente ligada às componentes sociais e culturais. Por isso, os elementos do território não podem ser pensados independentemente, pois se sustentam em uma relação dialética. Dessa forma, observamos uma desconexão da atividade produtiva com as comunidades que antigamente eram ligadas às roças e à pecuária extensiva e onde os elementos materiais e imateriais eram constitutivos da identidade territorial da dita comunidade.

A ruptura da produção agropecuária com a comunidade repercute nos lugares os quais eram ponto de referência para a população em questão: a vila ou sede dos distritos que reunia comércios, serviços básicos e escolas. A vila constituía-se como centro de encontro da população espalhada nos distritos, possibilitavam os momentos de lazer para eventos comemorativos e formavam a identidade territorial dessas comunidades.

Por fim, a troca das pastagens pelos eucaliptais provocou um desequilíbrio socioespacial relatado pelos moradores no ponto de vista da queda do movimento no núcleo urbano, sintomático do desequilíbrio sociais e culturais em curso nas áreas rurais dos distritos. Mas também do desequilíbrio ambiental provocado pela chegada do eucalipto com a eliminação das espécies do cerrado. Apesar da dominação espacial da pecuária extensiva, essa ainda deixava a vegetação descontínua e assim os refúgios de biodiversidade. Essas mudanças ambientais e essas desarmonias são percebidas e visíveis pelas populações dos distritos: desaparecimento ou diminuição de flora típicas da região e

mudanças de hábitos da fauna que se aproxima cada vez mais dos quintais atrás de comida.

O desequilíbrio ambiental e as mudanças socioculturais são percebidos pelas populações, pois os vivem no cotidiano. As práticas sociais e territoriais dos moradores mudaram consideravelmente, mas, permanece, porém, a memória do território vivido como testemunha (testemunhando) de um desarranjo territorial provocado pela territorialização do eucalipto no município de Três Lagoas.

Referências

ALMEIDA, R. A. de. Territorialização do complexo eucalipto-celulose-papel em Mato Grosso do Sul: sobreposição do uso da terra em relação a outros modos de vida. *In*: MENEGAT, A. S.; PEREIRA V. A. **Movimentos sociais em redes de diálogos**: assentamentos rurais, educação e direitos humanos. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 289 p. p. 99-122.

ALMEIDA R. A. de. Contradições da reforma agrária no Bolsão/MS em tempos de impérios de papel. *In*: COELHO F.; CAMACHO R. S. **O campo no Brasil contemporâneo**: do governo FHC aos petistas (questão agrária e reforma agrária). Curitiba: Editora CRV, v. 1, pp. 273-296, 2018.

BULOT T. ; VESCHAMBRE V. Sociolinguistique urbaine et géographie sociale : articuler l'hétérogénéité des langues et la hiérarchisation des espaces. *In* : **Penser et faire la géographie sociale. Contribution à une épistémologie de la géographie sociale**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, pp. 305-324, 2006.

COSTA, E. B. da. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía** vol. 26, nº2, pp. 53-75. 2017. doi: 10.15446/rcdg.v26n2.59225.

DI MÉO, G. Une géographie sociale, **Cybergeog: European Journal of Geography** [Online], Les 20 ans de Cybergeog, 18 de agosto 2016, disponível em : <http://journals.openedition.org/cybergeog/27761>

GOUËSET V. ; HOFFMAN O. Communauté. Un Concept qui semble poser problème dans la géographie française. *In*: SÉCHET, Raymonde (dir.); VESCHAMBRE, Vincent (dir.). **Penser et faire la géographie sociale**: Contribution à une épistémologie de la géographie sociale. Nouvelle édition [en ligne]. Rennes: Presses universitaires de Rennes, pp. 263-275, 2006.

HAESBAERT R.; ARAÚJO F. G. B. de. **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. 136 p.

JESUS, S. E. de O. *et al.* Luta e resistência: uma análise sobre a produção sustentável na região do Bico do Papagaio. **Anais do VI e VII Seminários Bem Viver Indígena da Universidade Federal do Tocantins**, 11 a 12 de setembro de 2018: Os impactos dos grandes empreendimentos nas fontes de água dos Povos do Cerrado. Araguaína: Universidade Federal do Tocantins, pp. 121-132, 2019.

KUDLAVICZ, M. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na Microrregião de Três Lagoas/MS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 177 p, 2011.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEMES, G. dos S.; NARDOQUE, S. Educadores do campo: diversidades e desafios diante do eixo temático Terra, Vida e Trabalho no ensino fundamental I. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas**, v. 1, n. 24, pp. 132-150, 2016.

LEMES, M. S. **Transformação territorial e educação do campo**: estudos da escola Elma Garcia Lata Batista no Distrito de Garcias em Três Lagoas-MS. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 41 p, 2016.

MACEDO, F. R. S.; NARDOQUE, S. As contradições do cerceamento das políticas públicas para a educação do campo em Três Lagoas (MS). **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 13, pp. 249-279, 31 dez. 2019.

MARIANO, A. S.; SAPELLI, M. L. S. Fechar escola é crime social: causas, impacto e esforços coletivos contra o fechamento de escolas no campo. **Anais do 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais**; 2º Seminário de Direitos Humanos- Unioeste, 2014. Disponível em: http://cac-php.unioeste.br/eventos/Anais/servicosocial/anais/TC_FECHAR_ESC_CRIME_SOCIAL_CAUSAS_IMPACTO_ESFOR_COLETS_CNTRA_FECH_ESCS_CAMPO.pdf. Acesso em: jan. 2021.

PIERMATTÉO A. ; GUIMELLI C. Expression de la zone muette des représentations sociales en situation d'entretien et structure discursive : une étude exploratoire. **Les cahiers internationaux de psychologie sociale** [En ligne]. Vol. Numéro 94, n°2, pp. 223-247, 2012. Disponível em: < <https://doi.org/10.3917/cips.094.0223> >. Acesso em: jan. 2021.

RIPOLL F. ; VESCHAMBRE V. Introduction. **Norois. Environnement, aménagement, société**, n. 195, p. 7-15, juin 2005

RODRIGUES, C. B. D. S., Evidências de um Crime: O Fechamento da Escola Municipal Boa Esperança. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 24, n. 56, pp. 93-112, jan.-abr., 2021.

SILVA, L. M. Educação do campo: o fechamento de escolas em porto nacional – TO (Silva, et. Al., 2020). **Revista Pegada**, v. 21, n. 2, pp. 101-121, mai.-ago. 2020.

TURRA NETO, N. Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. **Revista Formação**, v. 1, n. 20, p. 38-56, 2013.

Sobre as autoras

Marine Dubos Raoul – Mestrado em Geografia pela Universidade Paris 8 - Vincennes Saint Denis. Doutorado em Geografia pela Universidade Paris 8 - Vincennes Saint Denis. Pós-doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0003-0949-9293>.

Rosemeire Aparecida de Almeida – Graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente é

professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-2152-6218>.

Como citar este artigo

DUBOS-RAOUL, Marine; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A chegada do eucalipto no município de Três Lagoas (MS) na percepção dos moradores das comunidades rurais de Arapuá e Garcias: entre a sujeição e a resistência territorial. **Revista NERA**, v. 25, n. 64, p. 44-71, set.-dez., 2022.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelas autoras. As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O autor Marine Dubos-Raoul, ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual, pela aquisição de dados, pelos procedimentos técnicos e pela redação do artigo ; o segundo autor Rosemeire Aparecida de Almeida, ficou responsável pela participação na discussão teórica-conceitual, auxiliou na análise dos dados e a redação do artigo.

Recebido para publicação em 08 de agosto de 2019.

Devolvido para a revisão em 11 de março de 2020.

Aceito a publicação em 09 de abril de 2020.
